

Stadium



CAMPEONATOS NACIONAIS DE NATAÇÃO, EM ESPINHO. — José da Silva, o magnífico nadador da Madeira, vencedor dos 1.500 metros, numa prova emocionante, ao lado de Mário Simas, o grande campeão português, que, conquistando 5 títulos em Espinho, mais uma vez demonstrou a sua excepcional classe. Ao lado vê-se um grupo de nadadoras que disputaram várias provas, e o grupo dos concorrentes às provas oficiais.

Fotos — HERMANN

N.º 245

13 DE AGOSTO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Stadium

ESTÁ, enfim, decidido! Na magnífica pista da Figueira da Foz, no melhor ambiente de regatas que existe em Portugal, o Sporting Clube Caminhense conquistou, legitimamente, com belesa e emoção, o direito de representar o nosso País nos campeonatos europeus de remo que vão celebrar-se na Suíça no fim deste mês.

O vencido, o glorioso Clube dos Galitos, de Aveiro, não saiu diminuído do pleito. Perdeu sobre a linha da meta, mais uma vez afirmando a sua força e capacidade.

A regata efectuada no domingo passado ficará para a história do remo como o maior acontecimento de todos os tempos.

Mais de dez mil pessoas viveram momentos intensos de emoção. Mesmo porque a regata, antecedida por factos que lhe deram características especiais, correspondeu à expectativa.

Galitos jogou a sua sorte nos últimos duzentos metros. Caminhense respondeu, com energia espantosa e o seu barco, orgulhosamente, cortou a meta em vencedor, por uma prôa de diferença.

Publicamos nesta página, ao alto, a equipa do Caminhense na hora do triunfo, ao meio a equipa do Galitos, e em baixo uma fase da prova, vendo-se o Caminhense à terra e o Clube dos Galitos ao mar.

Caminhense e Galitos continuarão, certamente, uma luta, futura, rival mas amiga, de que beneficiará o remo português.



O Torneio de Preparação

e as competições em projecto

Depois de aparentemente comprometido o interesse do final da época, as coisas compozeram-se em melhor sentido e parece, agora, que vamos ter até fins de Setembro algumas competições de vulto, mas que necessitam de ser meticolosamente acatadas.

Os acontecimentos dominantes serão os encontros com as seleções da Bélgica e da Espanha, marcados para 7 de Setembro, o primeiro (os belgas já començaram à nossa federação que o avião para seu transporte estava fretado) e, em principio, para 21 do mesmo mês, o segundo.

Antes, porém, realizar-se-à no domingo no Porto um importante torneio, sem dúvida o mais sensacional da temporada nacional, onde se defrontarão as equipas do Benfica, do Sporting e da seleção portuguesa, à razão de dois homens por prova.

Para os dias 30 e 31 de Agosto prepara o Sporting um encontro entre os seus atletas, os melhores elementos lisboetas e a equipa do Espanhol de Barcelona, que se deslocará a seu convite.

Regoziamo-nos com tão laudado molho de iniciativas, mas não podemos deixar de lembrar as responsabilidades que por seu motivo pesam sobre dirigentes e atletas; julgamos conveniente que o Conselho Técnico federativo, ou quem tenha funções seleccionadoras, inicie sem perda de tempo o estudo da formação da representação nacional, fiscalize e estimule o treino cuidadoso e intenso dos futuros internacionais, muitos dos quais desapareceram já há semanas das pistas.

Os adversários são de respeito e não podemos apresentar-nos ante eles de improviso ou com atletas em baixa de forma.

O torneio que a F. P. A. organizou no domingo para manter o fogo sagrado, deu-nos algumas indicações, mas falhou sob muitos aspectos em virtude da ausência de grande número de valores.

De positivo, porém, ficamos sabendo que os melhores corredores de fundo continuam progredindo e que Matos Fernandes e Paquete estão em excelente condição física.

Passemos em rápida revista as provas do programa. Nos 100 metros assistimos a prodigiosa recuperação de Paquete; Eleutério teve excelente partida, que lhe proporcionou logo metro e meio de avanço, mas isso não impedia que fosse ultrapassado nos metros finais pelo seu companheiro de clube. Foram creditados em 10,8 e 10,9 s., aos quais se deve juntar os 11 s. do principiante Kai Maia, que promete.

Nos 300 metros fez Matos Fernandes, com 36,6 s., o seu melhor

tempo de sempre e o junior Fernando Casimiro, vencedor folgado de Luis Rocho, ficou a um décimo do seu recorde pessoal.

Joaquim Branco trianfoa com relativa facilidade nos 1.000 metros; 2 m. 44,6 s. é boa marca, bem como os 2 m. 45,8 s. de António Fernandes, que se afirma de semana para semana. O corredor Américo Gaedelas voltou a cometer impunemente irregularidades nesta e na outra prova em que participou; é indispensável dar a este corredor as noções de educação desportiva que, por temperamento talvez, parece desconhecer e, se não quiser corrigir-se, paci-lo como mandam os regulamentos.

A vitória de Filipe Luis na légua, em 15 m. 58 s., o seu melhor resultado, foi irrelatável, pois antes de encetar a última volta já conseguira distanciar-se de todos os competidores. Até dois terços do percurso, o vencedor deu a impressão de ameaçar o mínimo nacional, mas fraquejou bastante no tempo derradeiro. E, de certeza, o melhor português actual na sua especialidade.

Salazar Carreira

(Continua na página 11)

Maria Luiza Malheiro da Silva

em evidência no festival do Algés e Dafundo

O Sport Algés e Dafundo organizou, no último domingo, mais um festival de selecção com vista à próxima deslocação dos seus nadadores à provincia, o quinto da série. Reunião sem outras pretensões que não fossem as de desfazer algumas «dúvidas» teve, no entanto, o condão de movimentar alguns dos seus melhores elementos e, acima de tudo, de atestar o único sintoma de vida de uma modalidade que bom seria propagandar mais, especialmente em domingos radiosos de sol, como foi o último.

Os resultados, de modo geral, não foram famosos. Merece, no entanto, especial realce, o «tempo» obtido por Maria Luiza Malheiro da Silva nos 100 metros-livres, 1 m. 23,8 s. Trata-se de uma encantadora garota que, à face da regulamentação actual, ainda não pode, por falta de idade, participar em provas. Mas o valor da sua marca é extraordinário, especialmente quando o comparamos com o recorde absoluto da distância (1 m. 22,6 s.) «tempo» obtido por Maria Gonrinho, então na categoria de «seniores» e no apogeu da sua «forma», em 10 de Julho de 1938.

Não poderia quem de direito tentar uma revisão de certas disposições regulamentares?

Das restantes provas citaremos aos bons 100 metros-costas de João Franco do Vale, corri-

dos em 1 m. 18 s.; uma animada corrida de 200 metros-brasos, com relevo para o «senior» Adriano Cabral Rodrigues (3 m. 17,5 s.) e para o «principiante» Luis Ricardo Sebastião (3 m. 18,2 s.); um bom percurso de Fernando Madeira, nos 100 metros-livres, iniciados (1 m. 15,9 s.); a vitória nitida de Jaime Moniz nos 60 metros-livres, principiantes, em 46,6 s.; Henrique Roque Freire revelou boas faculdades para o «senior» de frente, nos 100 metros-livres, infantis, que venceu em 1 m. 20,8 s.; bonitos, pelo que tiveram de renhidos, os 100 metros-brasos, iniciados, em que Vasco Dias Pereira e Edoardo Candelas se creditaram do mesmo «tempo», 1 m. 38,8 s.

Uma agradável exibição de saltos artísticos por Gentil Abreu Gonçalves, Liodoro Patrício e dr. Manuel Martins, e um jogo de «water-polo» entre dois grupos infantis completaram o programa.

O 28.º aniversário do Pedrouços

O Clube Sportivo de Pedrouços, com larga e valiosa folha de serviços prestados aos desportos náuticos, agora em plena fase de ressurgimento, encontra-se presentemente comemorando a passagem de mais um aniversário — o vigésimo oitavo.

Na semana passada realizou-se o tradicional banquete de confraternização que reuniu elevado número de associados o qual teve a solenizá-lo a presença do inspector de desportos sr. Ayala Boto, e que serviu de pretexto a várias manifestações de té nos destinos da colectividade.

O V encontro Portugal-Espanha foi adiado

Por dificuldades surgidas à última hora, foi adiado para os próximos dias 30 e 31 do corrente, o V encontro Portugal-Espanha, em natação e «water-polo» que, conforme oportunamente anunciamos, estava marcado para sábado e domingo próximos. O local do encontro mantém-se: piscina de Espinho.

Abreu Torres

Ano V — II Série — N.º 246
Lisboa, 20 de Agosto de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19-3.
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAFURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Stadium

Mais crítica destrutiva

Os habituais maldizentes da hora actual do atletismo português — que com mais propriedade se conglomeram numa só voz com diferentes consonâncias — voltaram na passada semana as suas frechas envenenadas contra os campeonatos corporativos, acusando a entidade organizadora de descuidar a preparação técnica e física dos praticantes e, ainda, de valer-se de alguns especialistas feitos nos clubes para dar realce aos seus campeonatos.

O tom da «sinfonia» não é para causar admiração se nos lembrarmos que o «maestro», sofrendo de egocentrismo assentado, nunca conseguiu introduzir-se na hierarquia da F. N. A. T.; as considerações formuladas, mais uma vez de carácter destrutivo, não devem ficar sem reparo pela injustiça flagrante que revelam. Nós sabemos bem onde e a quem se pretende atingir; mas a crítica da modalidade vai de mal a pior se continuamos no regime da batalha pessoal.

A obra da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho na propaganda da prática desportiva nos meios trabalhadores é incontestavelmente notável; dentro dos objectivos especiais que lhe incumbem, bem diferentes da acção clubista, pois nunca pode aspirar à formação de campeões especializados, mas sim à apresentação do maior número possível de praticantes desembaraçados e com conhecimentos gerais técnicos.

Os resultados provaram cabalmente que a orientação condizia com os fins em vista; porquê, então, censurar e maldizer?

Por outro lado, também não é inteiramente verdadeira a afirmação do recurso aos atletas clubistas; de um treinador sabemos nós que declarou ter ido às Salésias em funções de «pescar»... e, se observarmos bem, a maioria dos tais atletas clubistas foi preparada nos campos da F. N. A. T. e aproveitada depois pelos clubes. Nomes ao acaso: José António Araújo, Joaquim Campos, José Freitas, etc.

Não fica mal a ninguém, que trabalhe num sector de actividade, reconhecer os méritos aos que se esforçam no mesmo sentido; o auto-elogio pelo sistema dos «nullos», já não convence os mais crédulos.

S. C.

O pior que pode acontecer a alguém é passar por ser o que não é. Se somos o que os outros supõem, admirável! Nas virtudes e defeitos da nossa situação encontramos energias e justificações com que defrontar o Mundo. Mas se se verifica o contrário...

Vítima de um equívoco, de uma vez, na Alemanha, tive suspenso sobre mim um dilema: lutar contra Constant le Marin, o famoso campeão de luta greco-romana, ou passar por covarde. Se a primeira situação me punha em perigo os

Aproximava-se a hora do espectáculo. Aluguei um «taxi» e mandei seguir para o teatro. Mas fiquei desolado, quando lá cheguei. Diante das bilhetes havia muita gente com cara de quem perdera o dia e um dístico frio anunciava: — «Esgotada a lotação».

Confiado na tolerância que em toda a parte se concede aos estrangeiros, furei por entre e multidão, gritando em português: — «Meus senhores, dêem-me licença! Com licença, meus senhores!» Suponho que ninguém entendia o que eu dizia, mas todos percebiam que eu

entrar no teatro, gritei: «ya» (sim!) Concordar com um porteiro é abrir a porta que ele guarda. Aquele grilo «ya» foi uma gaguez mágica e logo apareceram vários senhores do teatro que se dispuseram gentilmente a acompanhar-me até junto do Manuel de Oliveira.

Os circunstantes, porém, não me deixaram partir sem uma salva de palmas e alguns gritos de «Grilo!» «Grilo!».

Entre no teatro e logo à minha volta senti um ambiente de grande curiosidade e simpatia. As aclamações cá de fora tinham-se ouvido

disseram, pelo caminho, que era eu o Grilo...

Constant apareceu também. E contê-lhes então como aquele «ya» dito à entrada convencerá o porteiro de que era eu o lutador que todos esperavam. Ora a minha luta na vida, orientada patrioticamente, nunca tinha sido greco-romana. Eu era ali, simplesmente, candidato a uma *borla*, para aplaudir um amigo e um campeão de Portugal.

Constant, chefe da «troupe», observou, porém:

— Muita gente, lá fora, julga que V. é o Grilo. Para evitarmos qualquer dissebor, é indispensável que V. vá ao palco e, em francês, por não saber alemão, explique que é apenas um jornalista que veio assistir aos nossos combates. A explicação até nos serve de reclamo, que o «speaker» coadjuvará, para convencer o público da importância que em Portugal se dá às nossas exhibições.

— Pois, sim. Deixe-me descansar, dê-me um lugar na plateia e, no intervalo, eu virei ao palco explicar o equívoco.

Entre na sala, quando o espectáculo já começara. Tomei o meu lugar e assisti aos primeiros combates. Mas, quando se aproximava o intervalo, pessei-me para e rua o mais singelamente possível e voltei a Hamburgo.

Eu admirei Constant le Marin e era amigo de Manuel de Oliveira. E, se não podia medir forças com eles, mesmo podia andar nos palcos e fazer-lhes réclamo. Todos lutamos pela vida, mas cada qual tem o seu processo de luta. E o meu não era o greco-romano...

Belo Redondo

LUTADOR À FORÇA

Por BELO REDONDO

ossos, que eu me acostumei a defender desde pequeno, e outra colocava-me em sério risco mortal. Prefiro contar, porém, como aquilo foi.

Em Alster-Bassin, em Hamburgo, depois do jantar, tomava o meu café e via os gravuras de um jornal do dia, quando me caiu sob os olhos o anúncio de um torneio internacional de luta greco-romana. Lá estavam nomes que eu conhecia do Coliseu dos Recreios e, principalmente, o de Manuel de Oliveira. O anúncio acrescentava que Constant le Marin aceitara o desafio que lhe dirigira o campeão português Manuel Grilo, que devia chegar nesse dia de Lisboa. Os combates realizavam-se no Schiller-Theater, na vizinha cidade de Altona.

queria passar e, amavelmente, iam abrindo-me, até que cheguei à porta. Logo declarei ao porteiro, ainda em português:

— Desejo falar ao lutador Manuel de Oliveira.

O homem, enfeitado e sorridente, abriu para mim uns grandes olhos simpáticos e disse qualquer coisa em que eu apenas percebi «Grilo». Só mais tarde vim a saber que ele me perguntava se era eu o Manuel Grilo.

Naquele momento, apressado pelo adiantado da hora e emocionado pela perspectiva de abraçar um amigo de Portugal, não estava em situação de me dedicar a traduções da língua alemã e tentar compreender o que o porteiro me dizia. Para abreviar o inquérito e

lá dentro e, com rapidez vertiginosa, percorreu o público a notícia de que chegara o desafiante de Constant — e esse desafiante era eu!...

Cheguei ao palco e Manuel de Oliveira, satisfeito e alegre, veio receber-me com um abraço. Há muito tempo que não nos víamos e aquele encontro ali, tão distante da nossa terra, comoviu-nos. Ele estava então em plena forma e era um atleta admirável e correcto. A primeira pergunta que me fez foi esta:

— Onde está o Manuel?

Era o Manuel Grilo. Disse-lhe que não sabia.

— Mas acaba de entrar no teatro, está aqui.

— Naturalmente sou eu... todos

Para a representação olímpica

Os representantes das federações nacionais que regem os desportos incluídos no programa olímpico, reuniram-se há oito dias com o sr. Director Geral dos Desportos para ouvirem as directrizes do critério a que deve obedecer a escolha da nossa eventual representação nos Jogos Olímpicos de Londres.

A um ano de distância começa enfim a ser enfrentado com a necessária atenção este problema de magna importância, sobre cuja solução podem levantar-se divergências de critério, mas ao qual ninguém contesta a necessidade de uma solução que prestigie o desporto português e alcance o máximo rendimento da representação nacional.

As federações convocadas — atletismo, basquetebol, boxe, ciclismo, esgrima, futebol, hipismo, luta, natação, oquei em campo, remo, tiro e vela, dos quais apenas três (boxe, ciclismo e vela) não estiveram presentes — devem já ter enviado à Direcção Geral, dentro do prazo de oito dias que lhes foi fixado, a indicação das suas possibilidades e o orçamento dos subsídios neces-

Comentários

sários para a preparação dos seus seleccionados.

Com estes elementos e a nota, que deverá ser fornecida pelo Comité Olímpico Português, do cálculo da despesa de deslocação e estadia de cada homem, ficará o organismo superior de desporto habilitado a conhecer o montante global da verba a solicitar do Governo para efeitos de representação olímpica. Só depois de conhecidas as disposições governamentais se poderá elaborar com segurança o quadro da nossa participação em Londres.

Não fazemos a mínima ideia do rigor de normas a que será sujeita a selecção dos desportos e dos desportistas; no momento actual, se a severidade for grande, só a vela pode manter aspirações, mas talvez fosse conveniente maior tolerância, que permitisse maior presença e desse às modalidades de melhor classe a ocasião de um precioso contacto com os primeiros de todo o Mundo.

Campeonatos Mundiais de Ciclismo

Os campeonatos organizados em Paris pela Federação Internacional de Ciclismo foram severamente apreçados pela crítica que, principalmente em relação às provas de velocidade em pista, não hesitou em proclamar a incompetência pura e simples dos componentes do júri técnico da competição.

Houve de tudo: atrazo de mais de meia hora no anunciado início das sessões; programas pesados e monótonos em virtude das disposições regulamentares aplicadas ao campeonato; incidentes gravíssimos com os corredores e o público.

Apenas foram incontestáveis as decisões dos juizes de chegada, porque estes se valeram de uma instalação cinematográfica eléctrica que fixava 120 imagens por segundo e lhes deu sempre a

indicação precisa da ordem de passagem dos ciclistas pela meta.

No final da prova de velocidade entre profissionais, ardeu Tróia: o francês Gérardin, vencido na primeira mão pelo belga Scherens, ganhou a segunda mas o adversário reclamou, alegando que fora prejudicado por manobra irregular e os juizes, depois de terem proclamado pelos alto-falantes a vitória de Gérardin, deram o dito por não dito e determinaram que a corrida se repetisse.

A bronca foi formidável: ao cabo de três quartos de hora de discussões, os dois adversários alinharam de novo, sob ensurdecador berraria dos espectadores que atiraram para a pista tudo que tinham ao alcance.

O belga venceu e ouviu tantos assobios, apupos e protestos que teve de retirar-se sem dar a volta de honra, sem envergar a camisola simbólica, sem que se tocasse o hino do seu país e fosse içada no mastro de honra a bandeira da Bélgica.

O escândalo tomou inveríveis proporções e os comissários federativos, considerados responsáveis, foram alvo das mais áspers censuras. Quando regressaram a suas casas, levavam que contar às famílias; e, talvez também, pouca vontade de se meterem noutra...

HEDI SÁ ' PARTE, PARA A AMÉRICA

E desejaria ver nas pistas muitas raparigas batendo os seus tempos e marcas ...

A mulher no desporto! o problema é antigo e tem merecido largas referências.

Deve ou não a mulher fazer desporto, praticar o basquetebol, o óquei o voleibol e o atletismo? Claro que se põe de parte a ginástica e a natação que isso são práticas desportivas que não haverá contestação suficiente que ponha de parte estas modalidades por inconvenientes para serem praticadas pela mulher.

Em Portugal o desporto feminino não tem ultimamente conquistado praticantes. De momento, à parte o pequeno e simpático grupo das sportingistas e das belenenses, nada mais... Ainda as vemos, felizmente, em bom número nas classes de ginástica, mas já a natação não conta com grupo igual ao de épocas anteriores. E, no entanto, a rapariga de hoje, afastando-se de preconceitos mesquinhos, lançou-se mais á vontade na vida. Tomou-se de maior energia, é desportiva e decidida, sem perder a sua graciosa feminilidade.

Um formoso lote de desportistas que animou em tempo não muito distante o nosso desporto, abandonou-o em certa altura, no momento de constituir um lar. E estamos crenças de que todas essas senhoras ainda hoje sentem os benefícios que encontraram, vivendo alguns anos em contacto com a vida desportiva.

Nos recentes campeonatos de atletismo a participação feminina recuou apenas numa dúzia de raparigas, friso galante, vivendo alegremente o ambiente desportivo. Algumas como Hedi Sá praticam desporto há algum tempo, as outras, como a maioria das belenenses, são mais novas nas práticas atléticas.

Hedi Sá, Deolinda Mezon, Emília Cardoso, Natália e Dália Cunha compuseram o grupo sportingista.

O Belenenses apresentou-nos um grupinho alegre e simpático: Fernanda, Celeste, Cristina, Hermínia, Ivone, Laura e Francelina. Junto a estes dois grupos a almadense Almerinda Correia uma dedicação pelo atletismo.

Num intervalo das suas provas nos campeonatos nacionais trocamos algumas palavras com Hedi Sá, presentemente a nossa melhor desportista.

— Porque faz desporto?

A simpática «leonesa» encara-nos surpresa, ajusta no modo feminino os cabelos louros que a prova do salto em altura fez desalinhar um pouco e declara-nos:

— Porque sempre fiz desporto. Desde quando? Nem me lembro. Eu e o desporto temos andado através da vida em boa companhia. É sempre com prazer que envergo a minha equipa para o treino habitual ou para as provas de competição.

— Quando veio para o Sporting?
— Em 1945. Nesse ano disputei as minhas primeiras provas.

— Que títulos já conquistou no atletismo?

Hedi Sá responde-nos sem esforço de memória.

— Em 1946 bati o recorde de 83 metros barreiras e o salto em comprimento. Em 1945 triunfei nos campeonatos regionais e nos nacionais em 150 metros; salto em altura e na estafeta 3x60. Em 1946 ganhei as três provas dos Campeonatos Regionais e Nacionais de salto em comprimento; salto em altura e os 83 metros barreiras.

— Praticas outros desportos?

— Além de atletismo gosto muito de nadar, de equitação e de ginástica rítmica.

— Porque pratica e se interessa pelo atletismo?

— Porque o considero útil ao desenvolvimento do corpo e à conservação da saúde.

— Acerca dos benefícios que Hedi Sá tem recebido com a prática do desporto e se a mulher deve ou não fazer desporto, a atleta sportingista dá-nos a sua opinião:

— Atribuo a minha boa disposição e o ter sempre gozado perfeita saúde, ao facto de praticar, desde pequena, exercícios físicos.

— Em seu entender quais os desportos que a mulher deve praticar?

— Devido à sua constituição física a mulher deve, de uma maneira geral, praticar desportos ligeiros.

— Que actividade gostaria de ver no desporto feminino?

— Hedi Sá olha a magnífica pista do Sporting. Os seus olhos azuis recolheram a imagem que desejaria poder observar, pois nos diz:

— Gostaria de ver maior número de raparigas nas pistas e nos campos de treino, mas acho que se faz pouca propaganda para esse fim.



— Oíça, Hedi Sá. Vê-la-emos ainda por muito tempo na prática do desporto? Naturalmente, um dia, quando casar, acabará por se afastar das práticas desportivas?

A atleta sportingista sorri e diz-nos que esse dia ainda vem longe... E dá-nos logo uma novidade.

— Por esse motivo, não. Por enquanto... Mas com a última jornada deste campeonatos femininos abandonarei o desporto.

Confessamos-lhe a nossa surpresa pela informação que Hedi Sá não divulgara ainda.

— Vou sair de Portugal. Antes do fim deste mês embarcarei para a América do Norte.

— Possivelmente voltarei a Lisboa daqui a um ou dois anos. Mas continuarei a fazer desporto. Não lhe

disse no princípio da nossa conversa que o desporto faz sempre parte da minha vida?...

Uma última pergunta, pois os auto-falantes, já mandavam reunir o grupo feminino para uma das suas provas.

— Que espera fazer ainda no desporto?

— Continuar a praticá-lo como até aqui, sem grandes preocupações de bater recordes. Digo e repito sinceramente: Gostaria de ver mais raparigas nas pistas, a meu lado, fazendo mais do que eu.

E abalou, alegre, a juntar-se ao grupo das atletas que alinhavam na pista aguardando sorridentes o sinal de partida para a prova dos 80 metros barreiras em que Hedi Sá mais uma vez triunfou.

F. S.



As concorrentes belenenses — um grupo gentil — aos campeonatos de atletismo



As concorrentes sportingistas — um grupo gracioso — aos campeonatos de atletismo



Começou a preparação dos jogadores do Futebol Clube do Porto! A ginástica é a base indispensável...

GASTÃO

SENTE-SE BEM
NO PORTO E TEM
ASPIRAÇÕES...



GASTÃO

O nosso Douro, da Barca d'Alva à Foz, assemelha-se a uma serpente. Tem caprichos curiosos, rasgando rochas, modelando-as como que a cinzel.

Há dias iam os entretidos na contemplação dessa paisagem rude e forte de Trás-os-Montes, penedias a desafiar o azul do céu, enquanto cá em baixo o rio beijava docemente margens pintadas de verde dos vinhedos sem igual, nessa região onde nasceu o maior tesouro de Portugal. Não somos nós que o dizemos, são os estrangeiros que nos visitam...

Abandonada aquela contemplação um tanto sentimental porque revivíamos sítios que nos são queridos, vimos ao nosso lado a figura simpática de um desportista que tínhamos visto em qualquer parte.

Cumprimentámo-nos. Durou segundos apenas a nossa dúvida. Era Gastão, o habilidoso jogador que foi da C.U.F. e que é apontado como uma das mais ruidosas promessas do futebol português.

E surgiu então com naturalidade o assunto desta crónica.

— Não! Encaro o futebol por um prisma muito meu. Não me animam essas transferências loucas.

De repente tudo vai na voragem. A vida não se resume aos anos em que se jogará o futebol.

Uma vaga de pouca sorte, uma quebra súbita de forma, e tudo se esvai como o fumo.

— ?...

— Não pense em tal. Não jogaria em nenhum clube de Lisboa, acredite. Ofertas não faltaram. Não me faltaram. Não me sentiria bem. Se quiser explicar-lhe porquê nem mesmo eu o saberei. É uma preocupação de ordem sentimental.

Escolhi bem. Sinto-me admiravelmente no Porto. Bem cedo me aclimatei e de resto tudo têm feito para que assim aconteça.

Uma manifestação me cativa: a confiança que em mim fazem.

Estou no Porto por vontade minha. Podem surgir as ofertas que quiserem fazer-me.

É um direito legítimo dos clubes. Mas também é um direito do atleta

conservar-se onde realmente se encontra bem.

O ambiente do Porto sobrelevou tudo que esperava.

Enterneceu-me mesmo. A sua gente tem o coração muito perto dos lábios, — ?...

— Não me confundem essas alternativas e essas dúvidas. Tenho esperança em que jogarei pelo F. C. do Porto. Tenho aqui a minha vida organizada. Não vim para passear — estou a trabalhar.

A trabalhar continuarei. Estou possuído de persistência bastante para aceitar todas as situações.

Se tudo se resolver — tanto melhor. Tenho a paixão pelo futebol. Jogo por gosto.

Por enquanto posso falar assim. O tempo depois ditará a sua decisão.

Se a solução não vier, ficarei na mesma no Porto à espera de poder vestir a camisola azul-branca. Também não quero dizer-lhe que me atacou súbitamente a idolatria pelo F. C. do Porto. Sorrir-se-iam. O que lhe posso garantir é que fui conquistado por esse ambiente da Cidade Invicta. Aqui é verdadeiramente o coração que fala.

— ?...

— Quem não tem aspirações?

Será com orgulho que em qualquer altura vestirei a camisola das cinco quininas, se o meu talento justificar essa honra. Mas eu sei que tem de *tarimbar-se*.

Tanto melhor: triunfar sem perigo não é vencer. E eu tenho tanto tempo à minha frente.

Quase sem querer a entrevista realizou-se. Ficámos admirados da facilidade com que Gastão encara problemas magnos do desporto.

A sua alma simples — tudo simplifica.

Já o vimos jogar duas vezes. Gostámos sinceramente. Dissemo-lhe uma crónica inserida em qualquer jornal.

Estava ali um novo astro a despontar. O futuro dirá, se tivemos ou não razão...

ALVES TEIXEIRA

GRANDE PRÉMIO "MARCA"



Um grupo de corredores atravessa a povoação do Orto, vindo-se no comando três ciclistas da equipa do Benfica



1 — Júlio Mourão em plena subida; 2 — Rebelo, o português melhor classificado, na companhia do grande ciclista espanhol Langarica; 3 — José Martins a caminho de Pamplona



1 — Rebelo e Capó são bons amigos... 2 — Camilla, ás do ciclismo italiano, vencedor da prova, tomando um refresco em Guernica

TERMINOU com a vitória do italiano Camilla a corrida «Grande Prémio Marca», disputada recentemente em Espanha.

A importante competição internacional alcançou magnífico êxito popular e desportivo. O entusiasmo do público deu-lhe o ótimo ambiente e o valor dos concorrentes levou à obtenção de uma média geral que não é vulgar registar-se em Espanha, onde os percursos são normalmente difíceis.

A presença de ciclistas portugueses, italianos e belgas valorizou extraordinariamente a prova durante a qual se travou, de princípio a final, luta cerrada entre italianos e espanhóis. Aqueles levaram a melhor, ganhando a prova individualmente, e se Adriano não tivesse sido perseguido pela fatalidade é de crer que à Itália coubessem o 1.º e 2.º lugares.

A equipa portuguesa do Benfica teve bom comportamento, em espe-

cial na primeira parte da corrida. José Martins e João Rebelo foram os animadores das primeiras etapas. Mas o Circuito de Santo Domingo, em Bilbao, foi prejudicial para os benfiquistas, que acusaram a falta de provas que tem havido em Portugal. No conjunto, porém, a representação portuguesa pode considerar-se brilhante, tendo os nossos compatriotas sido alvo das mais lisonjeiras referências dos técnicos que acompanharam a prova.

João Rebelo, 7.º, José Martins, 9.º, e Júlio Mourão, 10.º, foram os melhores portugueses. A circunstância de terem ficado três benfiquistas nos dez primeiros reflecte o valor da sua actuação. Deve salientar-se que os corredores do Benfica, utilizando «tubos» pouco consistentes, foram vítimas de sucessivos «furos» sem o que ter-se-iam classificado ainda melhor.

«QUORUM» E «REINA»

dois animais extraordinários do hipismo espanhol

A Espanha impôs sempre, através dos tempos, a boa categoria dos seus cavalos de concurso, alguns dos quais deixaram na história do hipismo espanhol os seus nomes absolutamente grandiosos. Estão neste caso os campeões olímpicos de 1928 «Zalameiro», «Zapatazo» e «Revistada»

«Diputacion», «Governador Civil» e «Grande Prémio» e em Jaen na «Taça de Honra», na «Regularidade» e no «Grande Prémio». No ano seguinte todos os números melhoraram e o «Quorum» foi para a frente dos cavalos mais ganhadores com 38.875 pesetas, 13 primeiros prémios e 30 outros, em 11 concursos.

de Madrid; a «Inauguração», «Generalíssimo», «Grande Prémio» e «Gañadores» de S. Sebastian; a «Caça» de Santander e de Gijón e finalmente a «Omnium» de Lisboa.

O «Quorum» deixou aqui as melhores impressões. Foi brilhantíssimo na prova que venceu com um tempo magnífico, sendo de mencionar os seus dois incomparáveis percursos «limpos» na Taça de Ouro da Península.

Embora accidentalmente apareça montado por outros cavaleiros é a montada habitual do tenente-coronel Navarro Morénis.

A «Reina» é um puro sangue nascido em Espanha com o qual o comandante Ordovás tem obtido os mais notórios êxitos.

Egaa de classe extraordinária alcançou em 1945, quatro primeiros prémios e vinte e duas outras classificações, com um montante de 14.450 pesetas, em 6 concursos.

Triunfou na «Prueba Marqués de Lamadrid» e na taça «Real Clube de Campo», em Barcelona; na prova «Gañadores» de Santander e na «Nacional» de S. Sebastian.

No ano ludo ganhou 31.825 pesetas com 14 primeiros prémios e 29 outros em 10 concursos.

Pertenceu-lhe a vitória na «Nacional» e no «Grande Prémio» de Palma de Mallorca; na «Caça» de Madrid; na «Nacional» de S. Sebastian, Santander e Gijón; nas provas «Gobierno Civil»,



A magnífica égua «Reina», conduzida pelo comandante Ordovás, transpõe com facilidade a «barreira da spa»



O tenente-coronel Navarro no «Quorum» salta em bom estilo o «oxer»

e mais recentemente «Egalité», «Tarifa», «Ranchero», «Palomera» e «Lequeito», alguns dos quais ainda actuaem com êxito.

Entre estes há que distinguir dois animais que desde 1945 se impoem como dos mais extraordinários que a Espanha tem tido e de cujo valor já não se duvida — «Quorum» e «Reina», dois anglo-árabes que Lisboa conhece por terem vindo a Portugal com a equipa espanhola em 1946.

Vinham precedidos de boa fama e os nossos técnicos logo lhes reconheceram as qualidades, das quais, de resto, fizeram alarde. Um deles, — o «Quorum» — pode dizer-se que entrou em Portugal a ganhar visto que lhe coube a vitória na primeira prova que disputou, a clássica «Omnium».

Consultando os elementos de que dispomos vamos dar alguns apontamentos destes dois extraordinários saltadores, certamente indicados como do melhor que há na Península no momento presente e nos quais a Espanha deposita as melhores esperanças.

O «Quorum» é um anglo-árabe, castanho, de 9 anos de idade, que, em 1945, teve extraordinário comportamento. Ganhou em 10 concursos a bonita soma de 30.400 pesetas obtendo nove primeiros prémios além de trinta outras classificações.

Vitórias estrondosas em Gijón nas provas «Inauguração» e «Grande Prémio»; em Bilbao na «Gañadores»; em Saragoça na

Ganhou a «Diputacion», o «Grande Prémio» e a «Taça de Honra» em Valência; as provas «Gañadores» e «Honor» em Palma de Mallorca; a «Gañadores»

Concurso Hípico de Sintra

No campo de Seteais realizaram-se no sábado e no domingo as provas do Concurso de Sintra que depois de alguns anos de interrupção voltou a tomar o seu lugar no nosso calendário hípico, onde chegara a alcançar boa fama e até tradições.

A Comissão Municipal de Turismo resolveu integrá-lo nas festas do VIII Centenário e deve dizer-se que ao seu esforço e boa vontade correspondeu inteiramente o público. A comparticipação da maioria dos componentes da equipa nacional e de quase todos os nossos melhores cavaleiros deram às provas extraordinária animação.

Numa «Omnium» que reuniu 50 inscrições, a vitória de «Raso»,

com Correia Barrento, merece bem ser posta em destaque pela forma brilhante como foi alcançada, sem um toque e numa passada de galope admirável.

«Zaari» e «Voaga», ambos com Henrique Calado, foram brilhantíssimos e fizeram ainda melhores tempos, mas um «toque» roubou-lhes a vitória. Magníficos percursos de «Draw» agou, com Abílio Ferro, e de «Roma», com Cruz Azevedo, asseguraram-lhes os lugares imediatos.

No domingo, a «Caça» com as altas convertidas em tempo, proporcionou um bonito triunfo a Henrique Calado, no «Abrunho», que bateu todos os seus adversários num percurso extraordinariamente rápido — 1 m., 1 s., 1/5 para 1 m., 10 s. do

2.º classificando. Isto diz tudo numa prova de «caça», sempre feita em velocidade.

Extraordinariamente valerosa a vitória de «Zaari», também com Henrique Calado, no «Grande Prémio», no qual alguns dos 13 obstáculos subiram a 1,40 metros, transportados a uma velocidade de 400 metros por minuto. O seu esforço da véspera estava desta vez bem compensado com uma vitória indiscutível e brilhante se atendermos à dificuldade da prova em que se obrigou a uma velocidade de galope que as dimensões do terreno, curto e com bastantes obstáculos, tornava só possível aos muito bons.

O 2.º lugar coube a «Académico», que Fernando Pais montou num galope muito mais rápido do que o seu habitual e «Tete», com José Carvalhosa, ganhou o 3.º posto sem sorte, porque com ela teria sido 2.º

Loavores à Comissão Municipal de Turismo pela magnífica organização. O Concurso Hípico de Sintra deve prosseguir, tal o agrado verificado este ano.

Antas Teixeira

Stadium

ESCOLAS de jogadores

Nada mais se disse acerca do Projecto António Cardoso apadrinhado pela Direcção Geral e entregue a quem de direito, para solução definitiva.

Importa pôr as referidas escolas a funcionar. Importa fundamentalmente pôr os rapazes a jogar futebol, tão provado está que a idade dos 16 anos já não é propícia aos primeiros ensinamentos.

Os campeonatos infantis realizados antigamente serviram o jogo. Certamente, se não se quer ir agora para a competição, que, regulamentada prudentemente, só teria talvez vantagens, deve enveredar-se pelo caminho traçado no referido Projecto.

Só como curiosidade, o que nada apouca a valia do trabalho, devemos dizer que a idade não é nova. Há vinte anos, as escolas de jogadores, nos moldes mais ou menos agora fixados, já tiveram grande voga, pelo menos em França. Essas escolas tinham no final do ensino concursos entre os candidatos, de *dribling*, passagem e chute.

Os alunos eram obrigados a certos exercícios de *dribling*, a fazerem passagens para pontos devidamente assinalados e a rematarem de várias posições e diferentes maneiras.

Por volta de 1927 alvitrou-se, mesmo, a criação das referidas escolas entre nós, já nessa altura reconhecendo-se no jogador português deficiências de domínio de bola e de outros aspectos de ordem técnica.

Passaram os tempos, e eliminaram-se competições infantis e escolares, que eram fundamentalmente a verdadeira escola num país sem escolas de Jogo. Renasceram depois algumas competições, as escolares da Mocidade e os Juniores das Associações, tendentes a desenvolverem o gosto pelo futebol e ao adestramento do jogador na idade própria.

Assim, o Projecto António Cardoso, surgia no momento próprio, como base indispensável ao jogo de competição, depois na idade mais avançada. A superioridade do Projecto relativamente ao Programa das escolas que funcionaram em França está no estado pormenorizado dos concursos finais e na forma de pontuação.

As "escolas", segundo é nosso convencimento, completariam a organização. A vida do jogador da bola seria repartida, desta maneira, em três fases: aquisição de técnica; competição, redobçada, de aplicação da técnica e iniciação tática; competição, lida e verdadeira, em toda a sua extensão.

Stadium

Desde o n.º 1, 2.ª Série,
cada exemplar, 2\$50

Stadium

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

CONTA-GOTAS

Os três clubes de Sesimbra, terra progressiva, decidiram juntar as suas vidas numa só vida, fundando o Grupo Desportivo de Sesimbra. Seja qual for a ideia que se tenha das fusões, o fenómeno verifica-se em toda a parte.

A tendência é para terminar com as rivalidades em cada terra, e conservar em toda a sua pujança toda a capacidade, nos lutas externas.

O bom povo da terra junta-se à volta do seu único clube. Este torna-se mais forte, em todos os aspectos. Essa força há-de necessariamente revelar-se na competição, e mesmo em iniciais clubistas. Sesimbra quer ser bem representada no campo do desporto, com o futebol em lugar de proeminência, e o amor que lhe voltam os seus filhos é a base sólida em que assenta o Grupo Desportivo de Sesimbra.

A revista brasileira «Esportes», num dos seus últimos números, publica a fotografia de Feliciano com a seguinte legenda: O zagueiro Feliciano, do Sporting de Lisboa, cujo concurso é pretendido pelo S. Cristóvão.

Os brasileiros estão a acostumar-nos às notícias sensacionais referentes aos jogadores. A im-

pressa espanhola descançou um pouco, mas a brasileira é o que se está a ver...

A não ser que a notícia seja tão verdadeira como pertencer Feliciano ao Sporting. De resto, todas as épocas há-de dizer-se qualquer coisa do magnífico defeso lisboeta. — Que vai jogar para Espanha, que vai jogar para o Brasil — e por fim jogará no Belenenses.

Alguns nomes conhecidos do futebol português aproveitam o defeso na sua preparação física. Manter a forma! Vão-os, elegantemente, na praia (Caparica, Coxias ou noutra qualquer dos arredores) tomando banho, fazendo ginástica, correndo um pouco ou brincando com uma bola de caoutchouc. Por vezes, improvisam-se na praia desfejos renhidos, de pé descalço, terminando sempre com honra para vencidos e vencedores...

Parece que isto nada representa! Entendemos o contrário. O jogador português já hoje compreende que a sua forma técnica depende da preparação física, e assim faz o possível para não se deixar engordar, mantendo a elasticidade muscular. Certamente, nem todos procedem como este minoria que citamos. Mas uma razão para deslocar o seu comportamento.

O SPORTING de Luanda

venceu franceses e belgas

O Sporting de Luanda conquistou recentemente, na última quinzena do mês passado, numa excursão que realizou, dois belos triunfos, em futebol, um contra franceses e outro contra belgas.

No primeiro encontro em Brazzaville, capital da Africa Equatorial Francesa, o Sporting de Luanda derrotou a selecção francesa por 1-0. A partida interessou pouco... O guarda-redes português sofreu uma luxação na rótula direita, a meio da primeira parte, tendo sido substituído. O desafio foi dirigido por um belga, o qual se mostrou mais severo para os portugueses do que para os franceses. E' da praxe, isto!

O Sporting de Luanda seguiu depois para Leopoldville, no Congo Belga, defrontando uma forte selecção local. Os portugueses venceram mais uma vez, por 3-2, mas desta feita a sua exibição foi brilhantíssima, demonstrando excelente harmonia de conjunto. Os belgas prestaram justiça ao jogo português, classificando-o de rápido e perfeito. A arbitragem este a cargo de um juiz de campo francês.

O Sporting de Luanda comportou-se briosa e magnificamente, e de aqui lhe enviamos as nossas felicitações. Lembremo-nos todos como é difícil vencer no estrangeiro, em ambientes de paixão... e exaltação local!

E não se diga tratar-se de triunfos de pouca valia. Tanto na Africa E. Francesa como no Congo Belga, o futebol atingiu grande desenvolvimento e de lá têm saído jogadores de renome.

Por aquelas Colónias têm passado equipas de categoria, sem levar a melhor. Ora, o Sporting de Luanda não se limitou a vencer, mas fez futebol de boa qualidade.

Há resposta para tudo...

P. 527 — Desejava saber se o Mourão já não joga no Sporting, se o Dores está no Sporting, e se o Cardoso joga na próxima época? (De Um leão de Vale de Lihavo).

R. 527 — Mourão é industrial de tipografia, e não jogando, continua ad-pto; Dores ainda não está no Sporting; Cardoso, punido, não joga esta temporada.

P. 528 — Qual dos três é melhor: Travassos, Ben Berek ou César? (J. A. M. F.).

R. 528 — Só respondemos a esta pergunta, visto a primeira questão, não publicada, originar um longo artigo. Ben Berek é um artista; César, um jogador muito inteligente. Preferimos Travassos: tem um pouco do francês e do espanhol, e muito de si próprio!

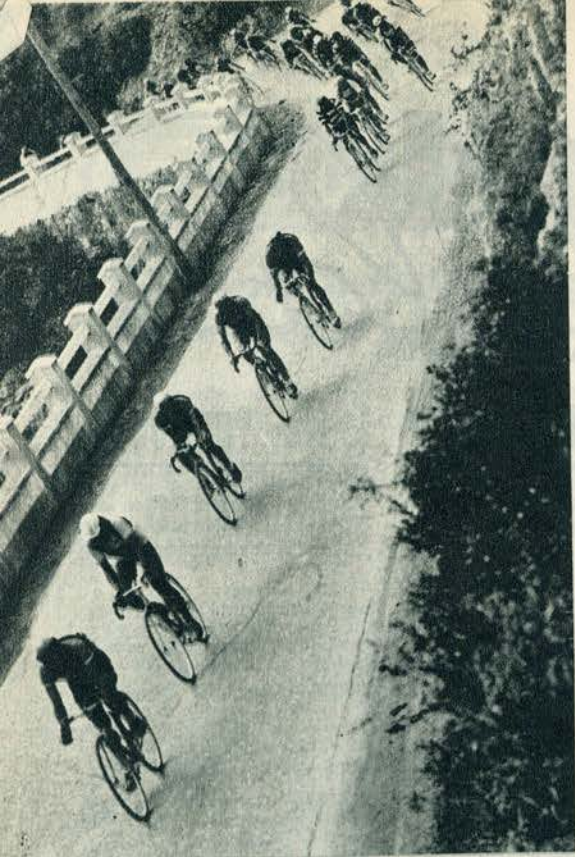
P. 529 — Sempre é certo Feliciano, do Belenenses, estar em negociações com um clube espanhol. (Um azul de Chelheiros).

R. 529 — Feliciano jogará no Belenenses. Já o dissémos. Neste momento, o conhecido jogador está na Corunha, e, entrevistado para Marca disse mais ou menos o seguinte: — A Espanha não vencerá Portugal enquanto não adoptar o sistema de marcação (deploramos que Feliciano tenha dado aos espanhóis a arma que nos ha-de vencer...)

P. 530 — Na marcação de um penalty quais as condições da recarga, e quais os jogadores que podem fazer a mesma? (De Ouleiro Grande).

R. 530 — Vou tentar dizer aquilo que o sr. quer saber. O jogador que marca o castigo, não pode voltar a tocar na bola sem esta ter sido jogada por outro elemento. Se a bola, balendo na trase, ressaltar para o campo, ele não está em condições de fazer a recarga. Mas se a bola bateu no guarda-redes, por exemplo, já o poderá fazer. Qualquer outro jogador está normalmente em condições de jogar a bola.

N. da R. — Só responderemos a questões de futebol, e a uma pergunta de cada vez. Já por várias vezes esclarecemos os assuntos tratados pelos srs. José Marques, da Covilhã, e Alberto Viana, de Beja.



PORTUGUESES! A VOLTA a PORTUGAL COMEÇARA em BREVE... E do MINHO ao ALGARVE, o povo estará em FESTA!

como que de um alcapão para ser um herói nacional, o Cesar Luis, o Ildefonso, o José Marquês, o Felipe de Melo, o Joaquim Fernandes, o Francisco Inácio, o António Augusto de Carvalho, o Quirino de Oliveira, o Fernando Moreira, o Lourenço, o José Martins... E' vê-los suando as estopinhas na travessia do Alentejo; subindo e descendo pelas gargantas da Serra do Caldeirão; trepando a Serra da Estrela, magestosa, altiva, querendo mostrar-se inacessível e abrindo os braços aos rapazes da «Volta»; escalando as serranias escaldantes de Trás-os-Montes; descendo vertiginosamente o Marão; ladeando a Costa... Sempre por entre a curiosidade das multidões, galhardos, sorridentes, à conquista da fama...

A «Volta» não é só dos ciclistas, não é só dos desportistas. E' de todos — é para todos. Novos e velhos, homens e mulheres, sábios e artistas, trabalhadores do campo, marítimos de rosto tianado pelo sol — não há ninguém que consiga fugir à «tirania» da «Volta». Formam-se então partidos. No mesmo lar uns são por um corredor, outros são por outro, ao sabor de simpatias meramente instintivas. E assim se cria o ambiente da «Volta».

Um ano se passou já sobre a última «Volta», a 11.ª, a que quebrou um «silêncio» angustioso de cinco anos. Julgava-se que este ano não haveria a grande prova. Duvidava-se de que alguém a quisesse organizar... E, de

súbito eis a grande notícia do momento, a notícia que faz esquecer os problemas das transferências do futebol, dos novos moldes dos campeonatos — vai disputar-se a «Volta a Portugal...» Já Portugal inteiro vive no alvoroço da grande prova... Já os adeptos do ciclismo dão largas à sua alegria... Já o bom povo português se prepara para dar palmas e vivas aos corredores...

Regosijemo-nos! Nós que sentimos a «Volta» como uma coisa nossa, que lhe temos dado o melhor de nós próprios — e aqueles que a conhecem só de tradição, de ouvir dizer... A «Volta» vai ser o acontecimento deste verão escaldante. Estamos a ver daqui a luta Benfica-Sporting, o duelo Norte-Sul, as camisolas rubras, gritantes, dos benfiquistas, em contraste com o azul dos rapazes do F. C. Porto, o verde raiado de branco dos «leões»...

Vamos ter a Volta a Portugal... Franceses e suíços, belgas e... turcos, espanhóis e italianos tiveram as suas «Voltas». Os portugueses, que querem ser, que já são *alguém* no desporto nacional — não lhes ficam atrás... Não temos um Bartali, um Robic, um «Fach», um Van Dick, ou Van Herzelé, um Fausto Coppi? Temos um Rebelo e um Custódio, um Martins e um Lourenço, um Fernando Moreira e um Império, um Jacinto e um Aniceto... São os nossos «gigantes da estrada», os nossos heróis desportivos — são os homens da «Volta».

Manuel Mota

A «Volta a Portugal...» Espectáculo que é sempre novo, que nunca se repete. E' a Beatrix Costa dando a partida na Cova da Piedade... E' o povo, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, vibrando com os feitos dos corredores — «gigantes da estrada» na expressão feliz de Henri Desgrange, esse Henri Desgrange que foi o «pai» da «Volta à França» — o «pai» de todas as «Voltas...» Ao vento e à chuva, sob o sol escaldante, caindo a pino, na charneca alentejana ou nas serranias de Trás-os-Montes, nas verdes Beiras ou junto às formosas praias do litoral — eis esses bravos rapazes pedalando com energia, sem desfalecimento, em busca da vitória... E o povo das cidades iguala-se ao dos breves lugarejos, que desaparecem num abrir e fechar de olhos, no filme gigantesco da «Volta». Toda a gente deixa as suas ocupações, sai das suas casas, abandona os seus estabelecimentos, interrompe a sua labuta para ver passar, às vezes num segundo, em menos de um segundo até, o grupo multicolor dos ciclistas, essa mancha garrida que faz aparecer um sorriso feliz nos lábios rubros das raparigas das aldeias ou das meninas das cidades...

A «Volta» é tudo isto. Cartaz berrante que a mocidade leva através do país numa embaixada de energias, de esforços, de espírito desportivo — em síntese. A «Volta» é o grande acontecimento do ano, à forja onde se caldeiam celebridades. Falar dela a evocar páginas das mais belas do desporto nacional. Momentos inolvidáveis de luta, de camaradagem, de emoção... E' ver passar ante os nossos olhos atônitos o duelo Nicolau-Trindade, apaixonante, prendendo irresistivelmente todo o povo de Portugal, sem uma excepção, transformado o país em dois grandes «partidos» — os do Nicolau, os do Trindade... E' ver ainda desfilar a galope outros corredores, outras camisolas: o «Faisca»; cêebre de um momento para o outro, surgindo bruscamente





Cochet, um dos melhores raquetes do mundo, vencedor de Masip na final da prova de homens

CAMPEONATOS DE TÊNIS organizados pela «FOZ»



José Roquete, o campeão português de boa classe



Masip e Bartroll o formidável par espanhol, vencedor do campeonato de pares homens, batendo na final Cochet e Moreau. Já por duas vezes que em Portugal, o duo francês defronta os campeões espanhóis, não conseguindo a vitória, apesar da classe excepcional de um Cochet!



Os atletas principiantes, do Benfica, Sporting e Belenenses, que participaram no torneio de atletismo organizado pela Federação



Um salto de Santos Vieira, e uma curiosa atitude

O grupo dos concorrentes ao Torneio de Atletismo organizado pelo Clube Oriental de Lisboa



PROVAS DE ATLETISMO



Um aspecto dos 80 metros no torneio do Oriental



O atleta Correia de Brito ganha a prova de 300 metros no Campeonato Distrital do Porto, organizado pela FNA!

ARCÁDIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

Sempre as melhores atrações

TRIO BOVES-AGRAZ

LITA-ANHEL
MARY-MELY
ATLANTIDA
LAS 3 DANIAS
CURRO CALATRAVA
ALICIA SUAREZ

Abertura às 22 horas



A FNAT, ocupando-se da educação física na massa do trabalhador português, não esquece a prática do atletismo, organizando todos os anos torneios distritais para qualificação do Campeonato Nacional. Eis o grupo dos concorrentes ao Campeonato levado a efeito no Porto, com bons resultados.

Três Clubes de Lisboa e cinco do Porto

disputaram a «Taça de Portugal» — competição mais importante da modalidade

Como estamos em período de defesa, não faz mal, agora que a actividade se encontra suspensa, lançar uma olhadela sobre o passado: um pouco de história, portanto, acerca do torneio mais importante da modalidade — que só não é campeonato nacional por não estar organizada a federação — dar-nos-à uma ideia mais completa do que tem sido a disputa da Taça de Portugal, cujos vencedores foram:

- 1941/42 — Futebol Benfica.
- 1942/43 — Futebol Benfica.
- 1943/44 — Benfica.
- 1945/46 — Futebol Benfica.
- 1946/47 — Benfica.

Sempre triunfo lisboense; e, no entanto, o Porto teve na competição cinco clubes (pelo ordem: Leixões, Ramaldense, Boavista, Académico e F. C. do Porto) enquanto de Lisboa apenas foram três os concorrentes (Futebol Benfica, Benfica e Belenenses) e só um, o último mencionado, não ganhou...

Mas vamos à «história» — que se nos afigura interessante e servirá como elemento informativo das actividades desportivas entre as duas associações. Temos, portanto, que:

Em 1941/42 — Houve dois concorrentes: Futebol Benfica e Leixões, respectivamente, campeões de Lisboa e do Porto. Os benfiquistas empataram no seu campo (0-0) e foram ganhar a Matozinhos (1-0): golfo de Humberto de Sousa. Árbitros dos dois jogos: dr. Paulo Sarmento e Francisco Retorta (Porto); Marques Sério e Sampaio Abreu (Lisboa). Grupo vencedor: Adriano, Américo e José Eugénio; Raulinho, Espírito Santo e Melo; Perna, Carlos Alberto, Humberto, Olinério e Goulão.

Em 1942/43 — Novamente os dois campeões, Futebol Benfica e Ramaldense, este em substituição do Leixões. Os lisboetas voltaram a empatar no seu campo (também por 0-0) e em Ramaldense ganharam por 2-1 (golos de Humberto e Valdemar). Árbitros: Florismando Santos (Porto), Marques Sério e Henry Quérin (Lisboa). A equipa vencedora foi a mesma.

Em 1943/44 — Passou-se a nova modalidade: quatro concorrentes. Por Lisboa: Benfica (campeão) e Futebol Benfica. Pelo Porto: Ramaldense (campeão) e Boavista. Estreles do Benfica e do Boavista. Resultados: Futebol Benfica-Ramaldense, 0-1 e 3-0; Boavista-Benfica, 3-1 e 0-1; Futebol Benfica-Boavista, 2-1 e 1-1; Benfica-Ramaldense, 0-0 e 0-0; Ramaldense-Boavista, 3-1 e 0-1; Benfica-Futebol Benfica, 1-0 e 0-0. Classificação: 1.º Benfica — 2 v., 5 e., 1 d., 33 e 13 pts; 2.º Futebol Benfica — 2 v., 2 e., 2 d., 6-4 e 12 pts. (3-1); 3.º Ramaldense — 2 v., 2 e., 2 d., 4-5 e 12 pts. (1-3); 4.º Boavista — 2 v., 1 e., 3 d., 7-8 e 11 pts. O Benfica venceu... porque, na última jornada, em Ramaldense, o Boavista ganhou por 1-0 ao campeão nortenhol e o Futebol Benfica empatou, no seu campo, nesse mesmo «memorável dia» com o Benfica... Este foi o deslecho-surpresa da competição mais discutida, e, também, mais equilibrada do que em campo lisitano. A vitória do estreante Benfica, muito festejada, foi, contudo, merecidíssima — porquanto a equipa era realmente a do melhor conjunto. Grupo vencedor: André; Campos e Quérin; Tavares, Garcia e Ludgero (Carqueja); Talagão, dr. Luz, Pedro, Gião e Leonel. Marcaram os 20

golos do torneio: Pedro Silva (2) e Gião, pelo Benfica; Humberto (3), Goulão, Carlos Alberto e José Eugénio, pelo F. Benfica; Jálilo, Valdemar, Santos e Ferrão, pelo Ramaldense; Andrade (3), Polónia (2), M. Soares e Caiado, o «internacional» de futebol, pelo Boavista. Árbitros utilizados: Alexandre Samagalo e Feliciano Teixeira (Porto); Marques Sério e dr. João Ferreira (Lisboa).

Em 1945/46 — Após interregno na época anterior, por proibição da D. G. D., visto o campeonato lisboense ter acabado demasiado tarde, verificaram-se duas novas estreias: do Belenenses e do Académico, segundos classificados nos respectivos torneios regionais, e insistências de presença dos campeões Futebol Benfica e Ramaldense. Resultados: Ramaldense-Belenenses, 1-1 e 0-0; Futebol Benfica-Académico, 0-1 e 3-0; Académico-Belenenses, 1-1 e 2-1; Futebol Benfica-Ramaldense, 1-2 e 2-0 (desistência dos portueses... pôs que neste jogo, em Lisboa, houve «mosquitos por cordões!!!»); Futebol Benfica-Belenenses, 5-1 e 1. c. Académico-Ramaldense, 0-0 e f. c. Académicos e benfiquistas, empatados no final, voltaram a defrontar-se em Coimbra (Arreaga) com triunfo lisboense por 4-0. A equipa vencedora: Gomes (Ferreira e Rebelo); Américo e José Eugénio; Silveira (Torcato), Espírito Santo e Rui; Perna, Carlos Alberto, Humberto (Suizas), Goulão (Olinério) e Suizas (Casário e Carvalho). Classificação: 1.º Futebol Benfica — 5 v., 2 d., 15-4 e 17 p.; 2.º Académico — 3 v., 2 emp., 2 d., 4-9 e 15 p.; 3.º Ramaldense — 1 v., 3 emp., 2 d. (f. c.), 3-4 e 9 p.; 4.º Belenenses — 3 emp., 3 d. (1 f. c.), 4-9 e 8 p.

Marcadores de golos: Seixas (7), Oliveira (3), Casário (2), Goulão, Carlos Alberto e Carvalho, pelo F. Benfica; Reinaldo (2) e Ribeiro (2), pelo Académico; Valdemar, Miro 1.º e Carvalho, pelo Ramaldense; Nogueira (2), Carvalho e Cebrita, pelo Belenenses. Árbitros de: Amadeu Rodrigues (5), Ferreira da Cunha (3) e Américo Rombert, por Lisboa; António Rendeiro (4), Manuel Vilas (3), Francisco Retorta (2), Alexandre Samagalo, Venâncio Teixeira e Luís Ferro pelo Porto.

Em 1946/47 — Manifestado o desinteresse do Futebol Benfica (seria cansado da prova que só uma vez em quatro não ganhou?) os Belenenses tinham entrada com o Benfica; mas a primeira «experiência» deixou-os desiludidos... e, então, os vermelhos concorreram, em

luta com os dois do Porto: Ramaldense e F. C. do Porto, este, novamente campeão, na situação de estreante — pois que em 1944/45, também titular, não disputou o torneio por ele não se ter electado o Benfica, porém, esteve tão bem sozinho... Tanto assim que triunfou. Resultados: Ramaldense-F. C. do Porto, 1-1 e 1-0; Benfica-Ramaldense, 4-0 e 1-1; Benfica-F. C. do Porto, 1-0 e 0-1. Classificação: 1.º Benfica — 2 v., 1 emp., 1 d., 6-2 e 9 p.; 2.º Ramaldense — 1 v., 2 emp., 1 d., 3-6 e 8 p.; 3.º F. C. do Porto — 1 v., 1 emp., 2 d., 2-3 e 7 p. Marcaram os 11 golos: Gião (3), Trigo, Miguéis e Tavares, pelo Benfica; Miro 1.º (2) e Carvalho, pelo Ramaldense; Abílio (2), pelo F. C. do Porto. Árbitros de: Alexandre Samagalo (4), Domingos Canha (3) e Lopes dos Santos, do Porto; Manuel Nunes, de Lisboa.

A terna vitoriosa era constituída por: André; Garcia e Campos; Tavares, Trigo e Ludgero; Castelo (Trindade), Carqueja, Miguéis, Gião e Leonel.

As oito equipas concorrentes à Taça de Portugal — duas com quatro presenças: Futebol Benfica e Ramaldense — obtiveram, na totalidade, os resultados seguintes:

	J.	V.	E.	D.	golos P.
Futebol Benfica	17	9	4	4	24-9 39
Ramaldense	18	4	6	11-17	32 (*)
Benfica	10	4	2	9-5	22
Académico	7	3	2	4-9	15
Boavista	6	2	1	3-7	11
Belenenses	6	2	3	4-9	8 (**)
F. C. do Porto	4	1	2	2-3	7
Leixões	2	1	1	0-1	3

(*) — Duas faltas.
(**) — Uma falta.

Carlos Seixas, do Futebol Benfica, é o melhor marcador de golos — com 7 (3 num só jogo: no desempate com o Académico, efectuado em Coimbra, em 1945/46) seguindo-se-lhe: Humberto (F. B.) — 6; Gião (Bf.) — 4; André (Boav.) Oliveira (F. B.), Miro 1.º e Valdemar (Ram.) — 3; Reinaldo e Ribeiro (Acad.), Nogueira (Bel.), Polónia (Boav.), Carlos Alberto, Casário e Goulão (F. B.), Abílio (F. C. P.) e Carvalho (Ram.) — 2; Carvalho Ribeiro e Cebrita (Bel.) Miguéis, Tavares e Trigo da Silva (Bf.), Caiado e Sousa (Boav.), Carvalho (F. B.) e José Eugénio (F. B.), Ferrão, Jálilo e Santos (Ram.) — 1.

Quanto a arbitragens: Alexandre Samagalo (Port.) é recordista com 11. A seguir: José Marques Sério (Lisboa) — 8; Feliciano Teixeira (P.) e dr. João Ferreira (L.) — 6; Amadeu Rodrigues (L.) — 5; Manuel Nunes (L.) e António Rendeiro (P.) — 4; Carlos Ferreira da Cunha Junior (L.), Domingos Canha, Francisco Retorta e Manuel Vilas (P.) — 3; Florismando Santos (P.) — 2; Américo Rombert, Heny Quérin e Mário Sampaio de Abreu (L.), Luís Ferro, Lopes dos Santos, dr. Paulo Sarmento e Venâncio Teixeira (P.) — uma cada.

E pronto: está a «história» feita... Resta, para complemento, deixar que se erie a federação nacional da modalidade — para que a Taça se transforme, de futuro, num verdadeiro campeonato de Portugal.

Jorge Monteiro

Paterson salta 2,º02 em altura

Durante uma competição que se efectuou em Glasgow (Escócia), na qual participaram diversos atletas americanos, o jovem saltador escocês Alan Paterson pulou, juntamente com o americano Vessie, a bonita altura de 2,º02, que constitui o novo recorde da Grã-Bretanha e uma das melhores proezas europeias. Na mesma reunião, o velocista Mc Donald Bailey, numa corrida com handicap, percorreu os 100 metros em 10,4 segundos, o melhor tempo registado durante 1947 nessa distância.

ASSUNTOS de Espanha

Travieso, o treinador de futebol espanhol que trabalha no México, afirma que o futebol mexicano é da qualidade do jogo dos almargos.

Teruel, um esplêndido defensor espanhol, jogará esta época pelo Levante, de Valência.

Paco Bueno venceu por pontos, em 10 assaltos, o campeão da Escócia, Ken Shaw.

O extremo viscaíno, Iriondo, afirma, numa entrevista, que não há emoção comparável à de ser internacional.

Jean Séphériadès renunciou aos «Diamonds Sculls»

para se preparar para os jogos olímpicos

Artigo inédito de Pierre Lorme



Jean Séphériadès, depois da chegada ao Sena

No dia seguinte ao da vitória do jovem gigante americano Kelly em Henley, na célebre prova de «skiff», com o direito, por um ano, aos «Diamonds Sculls» (os remos de diamantes), Jean Séphériadès, seu vencedor de 1946, entrou vitoriosamente no Sena ganhando com notável facilidade a primeira corrida importante da época.

Essa facilidade e esse estilo simultaneamente potente e brando, essa forma resplandecente de Jean Séphériadès fizeram renovar os comentários nascidos nos meios desportivos franceses por ele ter renunciado, sem luta, ao famoso «challenge» de Henley. Ninguém poderia contestar, no entanto, de boa fé, que o campeão francês não teria tido razões que lhe ditassem a sua conduta.

—Sabe que o remo é um desporto cem por cento amador, diz-me ele, no seu gabinete de trabalho da rua Pavie, no velho bairro parisiense de Marais. A preparação para uma prova como

as Regatas de Henley não só exige que se lhe dedique todo o nosso tempo, toda a nossa actividade, todos os nossos pensamentos, como também requiere encargos consideráveis. Eu trabalho com meu irmão na casa de edição de bilhetes postais que meu pai dirige. O ano passado, meu pai, que é também para mim o mais querido dos amigos e o melhor dos «managers», de boa vontade consentiu os sacrifícios que a minha preparação exigia. Mas eu não posso, todos os anos, aceitar, dele e de meu irmão, esse sacrifício e entregar-me exclusivamente ao desporto tornando-me, na nossa casa comercial, um peso morto.

Para mais, no próximo ano, temos os Jogos Olímpicos de Londres, nos quais conto participar. Serão precisos ainda meses de treino; deste modo, de acordo com meu pai e com meu irmão, decidi consagrar todo o ano de 1947 ao trabalho.

—Mas V. está em forma... A maneira como venceu no outro dia...

—Não é a mesma coisa. As provas regionais e mesmo nacionais não se podem comparar a Henley, que é um autêntico campeonato do mundo.

«O ano passado, depois de ter remado todo o inverno, comeci o meu treino propriamente dito nos primeiros dias de Maio. Desde essa altura, fui absorvido inteiramente pelo remo. Fazia 10 quilómetros duas vezes por dia, de manhã e à tarde, sempre aperfeiçoando o estilo. Acrescente a isto a cultura física para descontraír e distender músculos e articulações. E, fóra do trabalho, muito descanso e dormir bastante; deitar cedo e uma sesta depois do almoço...»

«Uns dez dias antes do início das Regatas, para evitar um excesso de treino, limitei-me a fazer, de manhã e à tarde, um percurso cronometrado de 2:000 metros, distância sobre a qual se corre o «challenge» dos «Diamonds Sculls».

«Lembre-se que o americano Kelly, que é o filho do vencedor dos Jogos Olímpicos de 1920, foi este ano, como o ano passado, a instalar-se em Londres, com seu pai, sua mãe, as suas duas irmãs, dois meses antes, e fez vir da América tudo o que necessitava, para não ser afectado pela mudança da alimentação.

«Eu passei tres meses comple-

tos, em 1946, a ocupar-me apenas do desporto. Mas, este ano, pelo contrário, fiz viagens de negócio, por conta da nossa casa, nos meses de Maio e Junho. Só no começo de Julho retomei o treino. E remo de manhã, antes da abertura do escritório, e à tarde, depois do trabalho. Veja que diferença!...

—Evidentemente... Mas abandonar o «challenge», deixar a vitória sem luta ao seu rival infeliz do ano passado, deve ter-lhe custado muito.

—Confesso que essa renúncia foi-me dolorosa. Mas é preciso ser razoável. O desporto não deve deixar de ser uma distração. E eu consolo-me pensando nos Jogos Olímpicos. Campeão olímpico, é também um título invejável. Se ganhar, no próximo ano, em Londres, penso que abandonarei as grandes competições e que continuarei a remar com os meus camaradas de clube, apenas para me divertir e manter-me em boas condições físicas. Enfim, mesmo assim, tenho grandes projectos para esta época de 1947.

—Os Campeonatos da Europa, em Lucerna?

—Primeiro, o Campeonato de Paris. Depois o de França. E os Campeonatos da Europa. Não encontrarei aqui Kelly, mas terei o prazer de encontrar alguns dos melhores remadores da Europa: K. Iler, o campeão suíço; o belga Pissens, que Kelly bateu em Henley, nas eliminatórias; o holandês Neumeyer, o norueguês Frontdal, que este ano disputou a final em Henley, com Kelly. Sem contar com excelentes remadores checos, húngaros, polacos... isto terá também o seu interesse.

—Enfim, não esqueça que a 15 de Setembro, Paris receberá por

sua vez a visita dos «skiffeurs», quando da grande prova internacional dos Campeonatos da Suíça. Aí veremos talvez, além dos que acabo de citar, o inglês Burnell, que o ano passado me «apouquentou», e Bushnell, um outro inglês que é provavelmente o melhor remador da Grã-Bretanha. Eis com que preencher a época.

—E depois?

—Depois, primeiro, um pouco de descanso. Depois a grande preparação para os Jogos, com treinos de inverno. Farei sem dúvida, em Março de 1948, um estágio no Instituto Nacional dos Desportos, em Joinville, para me pôr em boas condições físicas. Depois, trabalho progressivo até à data fatídica de Agosto.

—Irá V. a Henley, no próximo ano, antes dos Jogos?

—Ainda não posso dizer-lo. Tudo dependerá da minha forma e do estado do meu treino. Veremos... Séphériadès, pai, aproximou-se de nós. Desempenha um grande papel na preparação do seu filho, do qual ele se instituiu mentor e treinador. Este ano, foi a Henley para ver as corridas e estar perfeitamente ao par de tudo o que se passa no que respeita aos remadores.

Está cheio de fé:

—Nós esperamos ganhar, no próximo ano, conclui, e bem merecemos, porque este ano nós renunciámos voluntariamente às nossas possibilidades...

O espírito de família aliado a este ponto ao espírito desportivo, é uma coisa bastante rara, pelo que, simultaneamente, felicitemos pai e filho... Quem falou do eterno mal-entendido que se passa entre as gerações? — P. L.

ATLETISMO

(Continuação da página 2)

Os concursos foram pouco concorridos. No salto à vara, apenas Santos Vieira, com bons 3.40 metros; no peso, resultados inferiores e, no dardo, apenas a marca de 47.19 metros alcançada pelo principiante Jorge Matos.

A estafeta olímpica entre equipas de juniores proporcionou boa luta e é de notar que os tempos do Benfica e do Sporting, primeiro e segundo classificados, ficam sendo 7º e 11º, na tabela portuguesa da prova. Os seniores do Benfica praticamente sem adversário pois o Sporting apresentou um quarteto que nem de recurso se pode designar, estabeleceram o segundo resultado nacional.

Finalmente, os principiantes disputaram um triatlo, (altura, 60 metros e peso) em que venceu o sportinguista Salvado Santos, de facto o mais equilibrado dos competidores, mas as marcas foram na generalidade bastante fracas.

AUTOMOBILISMO

Rallye de Miramar

De 29 a 31 de Agosto

Vai disputar-se o Rallye Automóvel de Miramar, de 29 a 31 de Agosto, sob a organização da Direcção do Parque da Gandara de que fazem parte os srs. José Manuel Cabral, Fernando Lambertini Magalhães, Artur Mariani Junior, Oscar Teófilo Bastos, Manuel Teixeira Lopes e Fernando Agrellos.

O Automóvel Clube patrocinou e colabora. O termo de todos os itinerários é na praia de Miramar,

sendo o último contróle-horário no Porto. A chegada verificar-se-á em Miramar, 30 minutos depois de haverem os concorrentes sido controlados no Porto dentro do horário estabelecido. No dia seguinte, efectuar-se-ão as provas complementares.

O sr. Governador Civil foi convidado a presidir à Comissão de Honra e a assistir às provas complementares em Miramar.



Já publicámos fotografias de Diamantino toureando com a esquerda, a da verdade; mas, como nem sempre se pode tourear com a esquerda, aqui se prova que o «espada» português também sabe usar da direita, com recurso dos ajudados

“ESPADAS” PORTUGUESES NOVOS VALORES E VALORES SEMPRE NOVOS

OS protestos do público ante os touros mansos e difíceis da última corrida do Campo Pequeno foram justos, e deles já nos fizemos eco. A coincidência infeliz de saírem tais touros para os três «espadas» portugueses, já nos referimos também no sentido de que tal se não repita. E ampliamos o nosso desejo com o de que os «espadas» portugueses sejam apresentados em competição com «diestros» espanhóis ou mexicanos, para estímulo e até para que o público tenha pontos de comparação. Não devemos ter a pretensão de traduzir completamente em português um aspecto que não é novo. Basta aproveitar os portugueses numa modalidade que não dispensa os da sua origem. Posto isto, e para não insistir num caso que esperamos se não repita, julgamos preferível, dado o carácter desportivo de «Stadium», escrever dos concorrentes à prova tauromáquica. E poremos de parte os equestres por não haver conveniência de julgamento para o modesto cavaleiro, nem ser conveniente escrever coisas desagradáveis acerca de uma

senhora que apareceu com cavalos tão recentemente adquiridos que nem se entenderam com eles...

Acerca de Diamantino Viseu reeditamos tudo que escrevemos desde que o vimos triunfar em Sevilha. Diamantino mantém todas as condições então reveladas, e acrescentadas pela boa experiência noutras praças de Espanha: uma valentia rara, serena, reflectida.

Podem algumas pessoas não simpatizar com a personalidade de Diamantino, mas é a sua e reflecte o seu natural. Há certos sorrisos que são mais artificiais que a natural seriedade de Diamantino. Além de que, como diz um famoso «diestro» contemporâneo, quando se tem a consciência do perigo e se arrasta com ele, o caso não é para r.r. Na seriedade de Diamantino pode residir mais respeito por si próprio, do que em certas alegrias que representam desaprovação.

Aceitamo-lo como ele, é, e julgamos o que ele faz. Com a capa está melhorando, mandando e recolhendo mais. Bandarrilha quando um mata-

dor o deve fazer, porque não lhes é obrigatório praticar tal sorte em condições que devem ficar para os da quadilha. E quando o faz é ainda com personalidade, com a sua maneira, e com ares de matador.

Os pares que Diamantino crava de poder são de grande mérito, e sabe ganhar a cara aos touros, e consentilos, e levantar os braços. E com a «muleta» sabe também impor a sua personalidade aos touros, obrigando-os a tomar aqueles ajudados por alto com que inicia as faixas, estatuários e repetidos sem se mover. Usa bem da direita, ainda que com a esquerda não corra tão bem a mão como o fazia, como voltará a fazer sempre que se lembrar que «codillos» é defeito e risco.

As «Manoletinas» — o pior que «Manolete» trouxe ao toureio e que todos os toureiros imitam — dá-as também com o «desplante» originário de olhar o público — outra má ideia que o cordovês teve e todos querem copiar.

Arrojar a «muleta», voltar as costas ao touro ou tocar-lhe as hastas, são outras tantas coisas de que não gostamos mas que compreendemos. Lembra-nos sempre o que ouvimos ao falecido Miguel Fleita numa noite em que, depois de cantar bons trechos de ópera, obteve as melhores ovações com o «Ay-Ay-Ay».

Ao público, a certo público, há que impressioná-lo assim, que contar com a galeria, sempre que os touros não permitem fazer coisas sérias, quase sempre as menos aplaudidas. Continuemos, portanto, confiando em Diamantino e esperando o que ele fizer em Espanha, ou no México para onde vai com contracto. Ele é matador de touros, com alternativa confirmada em Madrid, e é como matador que o devemos julgar. Em Portugal não se mata. Também em Manuel dos Santos nós acreditamos desde que ele provou ser capaz de matar em Espanha. Até então vimos nele apenas o toureiro habilidoso e precioso. Agora olhamo-lo doutra maneira, sob o ponto de vista de novilheiro, e dos melhores da actualidade. E no Campo Pequeno vimos-lhe no último manso da noite que desejamos esquecer, coisas de bom «muletero», sabendo situar-se, sujeitar e obrigar a passar. E com que graça disfarça as «espantaditas» naquela corridinha travando a fuga quando já a pode travar. Tem muita graça, e muita arte, e também em Manuel dos Santos podemos confiar e esperar.

Para o último lugar deixámos Augusto Gomes que foi, aliás, o que primeiro começou tentando as arenas espanholas para a realização do seu sonho de ser «espada». Conseguiu já apresentar-se em Madrid — o que Manuel dos Santos só este mês vai fazer e já tem alternativa numa praça andaluz. Sabe tourear, não tem medo, mas ficaram-lhe os ares de lidador, que o é, e bom. Parece um toureiro castelhano, seco, mas tem o seu lugar, cá e lá. Enfim, nos três, e nos que apareçam depois deles, queremos confiar patrioticamente, sugerindo encará-los, com optimismo, para não cair em derrotismos desalentadores e imerecidos.

Neste julgamento dos três «espadas» queremos incluir merecidas palavras de encorajamento para dois peões que voltámos a ver no Campo Pequeno, Rogério Amaro e Júlio Glória, bons bandarrilheiros nos

quais o público se deve fixar. E ainda noutros dois que vimos nas Caldas da Rainha e a quem chamam «Ortega» e «Alemejo», que até «muleteiam». Merecem esta crónica os novos «espadas», e os novos valores portugueses que dispõem para a festa de touros.

Finalmente, uma referência para o cavaleiro português que, sendo dos mais velhos, parece o mais novo, Simão da Veiga, o que mais corridas leva toureadas, e muitas ao lado de Conchita Castron que, sobre ser senhora, tem ainda o aliciente de tourear a cavalo e a pé. A ambos vamos ver amanhã 21, com três espadas mexicanos, Fermin Rivera, Ricardo Torres e «Cañitas» e em concurso de ganaderias.

Rogério Pérez



Assim o fez em Barcelona e no Campo Pequeno

A colhida de Manuel dos Santos

O novilheiro Manuel dos Santos, que em Coruche foi colhido pela região rectal numa extensão de quinze centímetros, ao bandarilhar, encontra-se, livre de perigo, no hospital da Ordem Terceira, onde foi operado pelo sr. dr. Oliveira Martins. Tardará cerca de vinte dias para poder retomar a sua brilhante carreira, perdendo por isso, entre outras corridas, a do próximo dia 24, em que se apresentava na Praça Monumental de Madrid.

Pelo hospital da Ordem Terceira têm desfilado numerosos amigos e admiradores do esperançoso novilheiro.

Também Diamantino foi colhido

Também Diamantino Viseu foi colhido na Feira de Coruche, na 2.ª corrida, sofrendo um «puntazo» numa perna. O percalço do primitivo matador de touros português resultou da sua leal intervenção ao «quite» a mais um esperançoso novilheiro, Joaquim Marques, que revelou boas qualidades. Em Resguarde de Monsaraz outro novilheiro confirmou as qualidades reveladas em Sevilha, na «Panleta», Estelito Lauriano. Em Espanha já está trufando outro, Diamantino Tomás «O Pitollito», de Vila Franca, a quem são padrinhos os irmãos Paul Wanzeler.



Augusto Gomes, também já com alternativa, sabe, como Diamantino, usar da mão direita quando não pode fazê-lo com a esquerda. E sabe dar «derechazos» como este, correndo bem a mão, mandando

UM EXTRAORDINÁRIO CAMPEÃO DE BILHAR

O francês **M. BORIS**

executa carambolas clássicas e de fantasia
sem emprego de tacos...

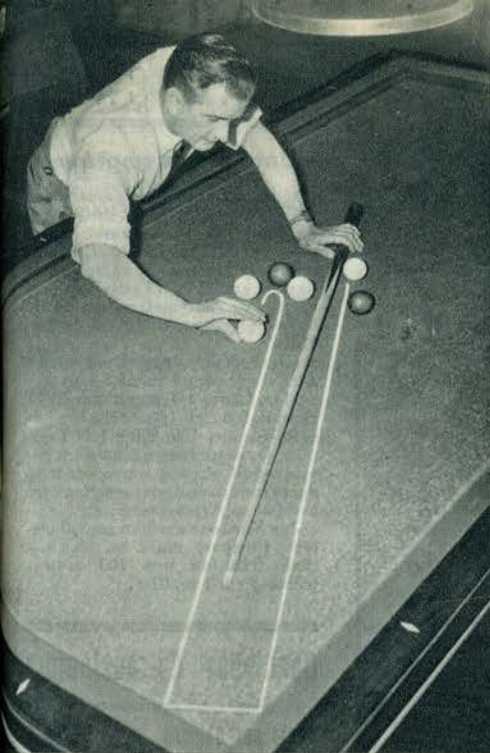
Merecida homenagem, no dizer do famoso ex-campeão mundial Roger Conti, que não hesitou em afirmar o seu entusiasmo do modo seguinte: "Monsieur Boris, quis amavelmente mostrar-me alguns dos seus golpes super-fantasia executados com a mão. A velocidade que imprime às bolas é verdadeiramente miraculosa. Felicito-o com toda a minha admiração."

Se esta raridade bilharística pega produzir-se-á uma enorme efervescência. Desaparecem as magestosas fotografias, tiradas aos concorrentes dos torneios debruçados sobre o pano verde, convergindo as lanças da tacada sobre um redondo inimigo de marfim. Não mais se observarão, sequer as poses guerreiras dos monarcas, encostados ao taco, símbolo da sua hierarquia, e para sempre terão sumiço aquelas pancadinhas agrestes no sobrado, a aplaudir um feito de armas do parceiro de briga.

Sic transit gloria mundi! A glória das coisas térreas é efêmera, mas o talento, a capacidade creadora, o génio inventivo, a auto-disciplina — e tudo isso revela o sr. Boris em alto grau — são monumentos humanos imperecíveis, e admiráveis.

Merecem, pois, que se arquivem nestas páginas.

R. B.



O malabarista Boris faz recuar seguidamente seis bolas, passando-as, assim, da esquerda para a direita do taco colocado na mesa

O homem possui um fraco muito secreto e íntimo pelas realidades.

Principiou dominando-se a si-próprio Rei da Creação, título nobiliárquico que outros animais justamente lhe disputam. Por ser geral deixou de interessar-lhe e logo fabricou outros cetros e corôas: a Livre América, quartel general das doutrinas republicanas, teve simultaneamente os Reis do Aço, do Petróleo, dos Caminhos de Ferro, do Ringue, dos Espartilhos, do Ar, etc.

A Europa ficou algo ciosa do facto. As velhas e poeirentas monarquias iam tombando como castelos de cartão para surgir outras, rutilantes, no continente americano. Vai daí, reapareceram novos monarcas entre o Mediterrâneo e Ártico, atestando a vitalidade e a imaginação dos europeus.

O último por ser o mais recente mas de modo nenhum o menos importante, é o sr. Boris, da pátria de Luis XIV. O sr. Boris acalmou-se e foi reconhecido como o autêntico Rei do Bilhar... sem taco nem giz. Excelente especialista na série americana, desbanca todos quando joga com as mãos livres.

Imprime às esferas de marfim nma velocidade e um efeito prodigioso e executa jogadas inverosímeis com grande à-vontade, desde o jogo a três tabelas às bolas a recuar e a seguir, *massés*, etc., numa palavra: tudo quanto a musa antiga canta com taco e giz!

Onde, porém, o seu cunho irrefragável põe uma nota de excepção é nas "tacadas," de super-fantasia. Não existe obstáculo que não transponha, faz *massés* em S torneando obstáculos, carambola a três tabelas com os olhos vendados, etc., etc.

Evidentemente, tanta coisa faz lembrar a magia ou malabarismo de circo. Mas a sua dextreza está influido furiosamente no seio dos amadores de bilhar, criando adeptos, tentando alunos. O pior é que o sr. Boris levou nada menos que dez anos a preparar-se com afinco mas hoje todos lhe rendem homenagem.



Aqui está um «massé» invulgar. A linha branca mostra o trajecto da bola e as duas caixas são outros tantos obstáculos a evitar



O bilhar é um jogo de contacto... e de tacto, no dizer do sr. Boris. Ei-lo tentando uma carambola a recuar e a 3 tabelas, cuja trajetória se indica, tendo os olhos vendados

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

ATLETISMO

Americanos pela Europa

Andam visitando alguns países europeus, especialmente os nórdicos, vários atletas de grande categoria e de nacionalidade norte americana.

No dia 11 estiveram em Copenhague (Dinamarca) e, num torneio a que assistiram 11.000 pessoas, os visitantes executaram as proezas seguintes:

Harrison Dillard, o preto-maravilha, ganhou os 100 metros (10,5 s.), os 110 barreiras (14,6 s.) e ajudou à vitória da equipa de estafetas, 4 x 100 (42,3 s.).

Os 400 metros foram apanágio de George Guida (47,5 s.) e G. Rodien arrojou o disco a 53,34 metros!

Outra equipa de atletas americanos, brilhou no Estádio de Atenas. Nas oito provas do torneio triunfou em seis, cujos resultados principais foram estes: salto em altura: Irving Mondschein (1,991): 800 metros: Melvin Witfield (1^m 50,9 s.); disco: Fitch (52,78 m.); 100 metros: Lawler (10,5 s.); 110-barreiras: Simons (14,8).

A Holanda vence a Bélgica

Luta entre os atletas destes dois países vizinhos foi muito equilibrada. Os belgas tiveram ascendente nas provas de velocidade pura, ganhando os 100 metros (Brackman: 10,7 s.); os 400 metros (Kunnen: 49,3 s.); os 110 metros-barreiras (Braeckman: 14,9 s.) e os 400 metros-barreiras (Dits: 56,4 s.). Em meio-fundo e fundo os holandeses foram superiores, com Ruyter (800 metros em 1 m. 52,8 s.), Slikhuis (1.500 metros em 3 m. 57,4 s.) e Lataster (5.000 metros em 15 m. 25 s.).

Em saltos e lançamentos a Holanda mostrou mais poder, ganhando o comprimento, vara e triplo (7,08 — 3,95 — 13,85) bem como o pêso, disco e dardo (13,72 — 40,79 — 65,04). No fim e ao cabo os holandeses triunfaram por 85 pontos a 80.

Um novo recorde britânico

Os ingleses encaram muito a sério a preparação dos seus atletas. Ainda há pouco, o jovem saltador escocês, Alen Paterson, melhorou o recorde de altura com corrida, fixando-o em 2,02 metros, enquanto que Mac Donald Bailey percorreu os 100 metros em 10,5 s.

Coube a vez, agora, ao lançador de dardo, Dabrymple, que bateu o recorde anterior, lançando o engenho a 60,52 metros.

Com vista aos Jogos Olímpicos de 1948, é claro.

NOTA DA SEMANA

O acontecimento internacional mais importante desta semana, e da que findou, foi a celebração da «quinzena» das regatas do Clyde, na Escócia.

Este ano coincidiu com a Feira de Glasgow e, também, como se disputa novamente a Taça Seawanhaka entre a Grã-Bretanha e os Estados- Unidos, suspensa desde 1939, subiu o entusiasmo popular pela ocorrência.

Há muita rivalidade latente entre dois importantes centros nauticos britânicos, Solent e Clyde, mas quem quiser apreciar fardamentos impecáveis e bálões dourados vai ao primeiro. O segundo dispensa preocupações de indumentárias de qualquer género e só a dureza das regatas lhe interessa.

Os países litorais do Mar do Norte, Dinamarca, Suécia, Noruega e Holanda, raramente fallam a chamada.

A actividade feminina atinge um grau de excitação excepcional. São às dezenas, as mulheres que se arriscam dentro de embarcações de casco, envergando trajes de oleado sem elegância, gritando como marujos profissionais, numa linguagem cheia de tecnicismos desconcertantes para o ouvinte profano.

A popularização dos festivais de Clyde roubou-lhes a pintura antiga. Naquele cenário magestoso do Holy Loch e dos cabeças de Cowall, coheros pela névoa, já são raros os iates de sessenta toneladas, cujo velame custa cerca de cinquenta contos. Agora, vêm-se dezenas de «seis metros», os puros-sangues do yachting, lutar como pecessos sobre as linhas de chegada.

O único americano que se apresentou, Mr. Robert Meyer, trouxe o Djinn e com ele se bateu galhardamente, em busca da Taça Seawanhaka, enquanto Mr. J. Howden fume a defendia, sob as cores britânicas.

Ao cabo triunfou o barco inglês, mas isso importa menos. O que ficará são as peripécias para recordar no próximo inverno, à lareira, quando os noveiros e as pentanias agrestes açoitem os solares e as residências. Então, se disculem e rememoram dificuldades: as chapadas de água a inundar o convés, sob o gemer do poleame e os panos todos içados, desafiando Neptuno e Eolo — deuses que a mitologia criou, talvez, para satisfação dos amadores das regatas!

R. B.

TIRO

O Campeonato do Mundo

O atirador finlandês P. A. Yanhonen, durante o campeonato mundial de tiro com espingarda de guerra que se está realizando em Stokolmo, conquistou o primeiro lugar com 524 pontos. Em segunda posição colocou-se o suíço E. Tellenbach, com 522.

Janhonen também ganhou o tiro com arma livre (espingarda) fazendo 558 pontos enquanto que o suíço Schlapbarck ficou classificado a seguir, com 552 pontos.

TÊNIS

A Austrália vencedora da Zona Americana

A equipa australiana de ténis, composta de Dinny Pails, Bromwich e Colling Long derrotou a equipa canadiana para a final da zona americana da Taça Davis, por 5 vitórias a zero.

Esta semana, ainda, realizar-se-á em Montreal a final inter-zonas, entre a Austrália e a Checoslováquia.

CICLISMO

Resultados do Grande Prémio «Marca»

O Grande Prémio Cielista que o diário desportivo Marca, levou por diante, concluiu com os seguintes resultados:

1.º, Camilla (italiano), 41 h. 23 m. 3 s.; 2.º, Bernardo Ruiz (esp.),

41-27-43; 3.º, Langarica (esp.), 41-37-40; 4.º, Depoorter (belga), 41-41-11; 5.º, Capó (esp.), 41-42-11.

A posição dos portugueses na classificação geral foi a seguinte: 7.º, João Rebelo, 42 h. 1 m. 39 s.; 9.º, José Martins, 42 7-11; 10.º, Júlio Mourão, 42-7-27; 14.º, Império dos Santos, 42-36-52; 20.º, Jacinto, 43-44-54.

NATAÇÃO

Uma proeza notável

O jovem nadador americano Jimmy Mac Lane, de 16 anos de idade praticou uma proeza sensacional durante os Campeonatos Americanos de nataçao, realizados em Tyler (Texas), ao percorrer os 400 metros em estilo livre no tempo admirável de 4 m. 41,5 s.

(O recorde europeu pertence a Alex Jany com 4 m. 45 8 s.)

Mac Lane, tal como em 1946, conquistou os três títulos de meio-fundo: 400, 800 e 1.500 metros. Os seus tempos revelam que este «golfinho» é um verdadeiro sucessor dos antigos ases do crawl, os Médica, Weissmuller, etc.

Joe Verdeur ganhou os 200 metros (brucos) em 2 m. 38,4 s. e Stak triunfou nos 100 metros (costas) em 1 m. 07 s.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

FUTEBOL

O clube «Independente» à cabeça do Campeonato da Argentina

Depois dos últimos jogos da 1.ª Volta do Campeonato Argentino de Futebol, a classificação dos clubes ficou a seguinte: 1.º, Independente (28 pontos); 2.º, River Plate (23 p.); 3.º, Boca Juniores.

O maior resultado da jornada foi o que se produziu entre River Plate e Atlanta (8 0); o San Lorenzo de Almagro perd-u com Chacarita Juniores (3-2) e desceu ao quarto posto.

Na primeira jornada da 2.ª Volta o Independente empatou com o Tigre enquanto que River Plate e San Lorenzo conseguiram vencer, respectivamente, o Lanus (3-0) e Newelles (4 0).

A classificação actual é a seguinte: 1.º, Independente; 2.º, River Plate; 3.º, S. Lorenzo de Almagro.

NA ESCÓCIA

Começou no dia 9 o campeonato de futebol profissional. O principal desafio da jornada — autêntico Benfica-Sporting da cidade de Glasgow — travou-se entre os eternos rivais, Glasgow Rangers e Celtic. Este último perdeu por 2-0.

Noutros países

Começa no dia 30 o Campeonato da Liga Inglesa e a «Divisão Nacional» dos franceses principia a 24.

DOIS CASOS

Palácio dos Desportos

Em tempos idos procurou Oliveira Valença, velho camarada e timoneiro valoroso do jornal «Sporting», desta cidade, lançar e defender a ideia de ser edificado o Palácio dos Desportos. Oliveira Valença andava então muito ligado a várias organizações desportivas, merecia-lhe o pugilismo especial atenção, e teve maneira de ver que o público, já naquela época interessado, seria capaz de corresponder inteiramente no dia em que lhe oferecessem um pouco mais de comodidade.

De resto, nesse Palácio leriam lugar todas as modalidades, todas as Federações ou Associações, resolvendo-se um problema, ou muitos problemas que preocupam atletas e dirigentes.

A ideia de Oliveira Valença, porém, era arrojada. A sua defesa embateu contra uma série de dificuldades e, a pouco e pouco, todo o mundo deixou de lembrar-se do Palácio dos Desportos.

Reconheceu-se a sua necessidade, muitos vereadores promoveram interessar-se pelo assunto, mas daí à realidade ia um Mundo...

Agita-se de novo o assunto. Oliveira Valença forma ao lado dos mais entusiastas, como na primeira hora, e a esperança de se ver a cidade do Porto dotada do almejado Palácio está agora na ordem do dia. Temos sempre receio das desilusões, porque desilusão, e grande, se está tornando o caso do «Estádio do F. C. do Porto», mas não deixamos de acreditar na vitória da campanha há anos ordenada por Valença, tão bem encaminhado se nos afigura agora.

O Porto tem na verdade um Palácio de Cristal inútil, para ali tristonho, melido entre sombras, quando não seria difícil utilizá-lo, dar-lhe a vida que não possui. Lá se tem visto um ou outro espectáculo desportivo, mas sempre por acaso, após dificuldades mais ou menos vistosas, e nunca de modo a servir o público como ele merece.

Mas nunca é tarde. Nós estamos convencidos, por exemplo, que o F. C. do Porto há-de ter um dia o seu Estádio... Pois embora se tivesse esperado tanto tempo, também julgamos nesta altura que a tinta gasta por Oliveira Valença, há uns bons anos, se não perdeu inteiramente.

O Porto vai ter, com certeza, o seu Palácio dos Desportos, exigido por uma fiel falange de adeptos de todas as modalidades desportivas, falange tão fiel que chega a desbançar Lisboa nas receitas e no entusiasmo acolhedor a todas as iniciativas.

Atletismo

Concluídos os campeonatos do Porto e de Portugal, ficou aos portugueses a impressão de que o atletismo terminara por esta época. Mas, se boas notícias vindas a público se confirmarem, não sucederá assim. Prepara-se uma sessão no Estádio do Lima, com a presença de equipas do Benfica e do Sporting, do Académico e do F. C. do Porto, e parece não estar ainda completamente posta de parte a organização do encontro Portugal-Espanha.

Se quanto a este encontro mantemos as nossas reservas, só acreditando na altura própria, achamos que o primeiro ser de um modo interessante o atletismo português, carecido de provas que o valorizem. O sistema de promover apenas os dois campeonatos, — o regional e o nacional — não ser de nenhum modo a popular modalidade e nem os ansios naturais dos praticantes. Trabalhar durante muitos meses para uma ou duas exhibições públicas é na verdade violento...

Entretanto, os atletas portugueses podem ser tão bons como os outros se forem à pista em condições de lutar briosamente. Se o contacto com elementos de categoria os habituarem a encontros que produzam ensinamentos...

Tem-se feito pouco. Os próprios encontros «internacionais» talvez não auxiliem como se pensa o progresso do atletismo português. Se em lugar de provocarmos um Portugal-Espanha, Portugal-Bélgica ou outros fizéssemos deslocar aos nossos campos boas equipas de clube, por certo se melhorava um pouco mais — o necessário para nos batermos mais tarde com algumas possibilidades.

Mas nós queremos louvar a ideia de se marcar para o Lima um torneio que tenha o concurso dos melhores grupos do atletismo. Já ficaremos contentes com isso.

MOSAICOS

nortenhos!

Há quem não tenha, entretanto, assinado as suas «fichas». Conta-se que Vitor Guilher e Catolino, por exemplo, estão dispostos a não jogar.

Não se vê motivo para tanto...

Continuemos a defender o par Onofre Tavares-Fernando Moreira para a pista. Ou, então, se o F. C. do Porto pretende classificar duas equipas, Onofre-Dias Santos e Fernando Morelra-Aniceto Bruno.

Um conhecido jornalista português está a trabalhar no sentido de ensinar os jovens nos segredos do atletismo.

A ideia é digna dos melhores louvores, e por certo lhe será dado aplauso, na Imprensa e no seio das entidades oficiais. Todos os jovens de determinada idade podem inscrever-se, podendo depois optar pelo clube de sua simpatia. A ideia de clubismo foi posta de parte.

Estão de parabéns os simpatisantes da natação portuguesa. A «Piscina de Espinho» facilita o progresso do útil desporto nesta cidade, consentindo, absolutamente de graça, que os portugueses utilizem diariamente as suas instalações.

Não se pode fazer melhor. Os clubes do Porto bem como os seus nadadores, podem agora dedicar o seu tempo disponível à sua preparação. Do Porto a Espinho não é mais longe que de Lisboa ao Estoril. E quase se vai tão depressa como de Lisboa a Algés. Logo, os nadadores do Porto podem progredir. Se quiserem, evidentemente...

Foram irradiados, pela Direcção Geral dos Desportos, dois praticantes do qual em campo: dr. Paulo Sarmento, do Académico, e Agostinho Pena, do F. C. Porto.

E' voz corrente que o F. C. do Porto utilizará o campo de jogos do Colmbões, que fica em V. N. de Gaia. Quem o havia de dizer...

No entanto continue a afirmar-se, aqui e além, e quase sempre após festas ou jantares, que o campeão do Norte conta com dedicações constantes, fiéis, gente que responde sempre à chamada nas horas difíceis. Literatura — tudo literatura...

Os dirigentes do clube bem chamam. Ninguém lhes responde, afinal. E por isso lá irão para Colmbões. Se fossem para Braga também não era longe!

Regresse o Boavista, decididamente, ao ciclismo de boa categoria. Dois dos seus melhores estredistas subiram a «independentes», e com eles se inscreveu o clube da Avenida da Boavista na próxima «Volta a Portugal» em bicicleta.

Achamos, entretanto, que é errado. A «Volta» não admite grandes aventuras, e talvez os dois rapazes do clube tenham de lamentar-se muito cedo. Mas, oxalá que não. Conteríamos com mais dois praticantes bons, e isso não era nada mau.

Viu-se o Sporting, afinal, ganhar na pista do Lima, aos conjuntos do F. C. do Porto e do Académico. Confirmou-se a nossa impressão de há semanas: o Sporting, na pista, é superior ao Benfica.

E não foi preciso esperar muito tempo para confirmar isto mesmo.

Deve igualmente afirmar-se que o júri que dirigiu as provas do Estádio do Lima não correspondeu e provocou justificados protestos do público.

Lamentável que assim suceda. Isto de não poder contar-se com o permanente cuidado de quem dirige é sempre muito aborrecido.

Domingo começa a «Volta». Os estredistas portugueses contam com uma direcção correcta e firme, sem atalhos, como aconteceu no «Circuito do Ribatejo». Diz-se por cá que a organização, por parecer e um clube, não oferece garantias. Somos de outra opinião. De resto, quem manda tecnicamente na corrida, como se sabe, é a Federação Portuguesa de Ciclismo.

Causou certa sensação no meio desportivo o castigo de 3 meses a todos os jogadores do Sporting Clube Vasco da Gama e de 3 anos ao seu presidente, o nosso camarada Alves Teixeira, elemento que muito tem feito em benefício do basquetebol português.

Pouco ou nada se sabe sobre o pedido de transferências de vários clubes portugueses. Já são conhecidas algumas, de fora do Porto; entretanto, os desportistas desta cidade mantêm-se curiosos e aguardam que os seus grupos sejam fortes na próxima época.

Ficou em Portugal um convite para o guarda-redes Barrigera ingressar num clube brasileiro. Mas isso não era tão fácil como à primeira vista parecia, porque ele só poderia dar-se autorizada pelo campeão do Norte.

Porém, o guarda-redes do F. C. do Porto «matou» a questão à nascença. Foi dos primeiros a assinar a sua ficha, tendo declarado:

— Vou para as Pedras Salgadas fazer o meu tratamento anual (Barrigera não é lá quem se pinta...) e quero ir descansado.

E lá foi, sem mais discussões...

NA CURIA

Realizou-se, com êxito, uma ginkana infantil, de que publicamos, ao lado, dois aspectos.

A Piscina-Prata Paraiso, do Curia Palace Sport Clube, tem excelentes condições para estas encantadoras festas.



Serafim Paulo, o vencedor da última prova do «Grande Prémio de Lisboa», de ciclismo



Os concorrentes ao Campeonato de Lisboa de Tiro aos Pratos, no campo do Lumiar, organizado pelo Clube Português de Tiro a Chumbo



O vento sopra fraco, mas os «sharples» vão partir! É o Campeonato Nacional de «sharples» de 12 m. que se vai disputar...



O oquei em patins implantou-se definitivamente em Portugal. O título de campeão do mundo é a nossa glória... Há, agora, maiores assistências do que nunca para este admirável jogo desportivo. No domingo passado, em Sintra, o clube local venceu o Paço de Arcos, por 4 a 3, uma vitória que encheu de orgulho todos os sintrenses!, ficando também apurado para disputar o Campeonato de Portugal, ao lado do Paço de Arcos



No concurso de Sintra, um salto do «Raso» montado pelo cap. Correia Barrento



Os pugilistas amadores que tomaram parte na sessão de propaganda organizada pelo seu clube «A Juventude Chelense»